

Migração e modernização: São Miguel Paulista na década de 50

Ricardo Correia Marcondes*

Resumo: Esse artigo tem como objetivo investigar alguns efeitos da propaganda ideológica dentro das relações sociais vivenciadas cotidianamente em São Miguel Paulista-SP. A década de 1950 proporcionou um forte crescimento industrial em todo o país, principalmente na cidade de São Paulo, tendo como consequência uma forte onda migratória atraída pela necessidade e aos ideais de desenvolvimento e de nacionalismo. Nesse cenário político e econômico se corporificou na sociedade “miguelense” um novo ritmo de vida e de trabalho, sacralizando, desta forma, a ideologia institucional industrial que tentou reproduzir a cultura migrante para a modernização, mas acabou sofrendo as dores da própria ambição.

Palavras-chave: Propaganda ideológica. São Miguel Paulista. Década de 50. Modernização.

Abstract: Migration and modernization: São Miguel Paulista in the decade of 50. This article has how aim to investigate some effects of the ideological propaganda inside the social survived relations in São Miguel Paulista-SP. The decade of 1950 provided a strong industrial growth in the whole country, principally in the city of São Paulo, taking as a consequence a strong migratory wave attracted by the necessity and to the ideals of development and of nationalism. In this political and economical scenery if feeled in the society “miguelense” a new rhythm of life and of work in this way, the institutional industrial ideology tried to reproduce the migrant culture for the modernization, it finished them to me suffering the pains of the ambition itself.

Key-words: Ideological propaganda. São Miguel Paulista. Decade of 50. Modernization.

Um bairro suburbano conectado ao sistema mundial

Enquanto o “Progresso” estava visível apenas estampado na bandeira nacional e nas mãos daqueles que o criaram pela “Ordem” (CARVALHO, 1990, p. 35-54), São Miguel Paulista e os bairros suburbanos vizinhos sobreviviam em um ritmo mais lento de trabalho executado através da agricultura e de algumas olarias que ficavam próximas às margens do rio Tietê.

www.pucsp.br/revistacordis

Com o crescimento e o desenvolvimento da capital paulistana no início do século XX, as áreas suburbanas produziram a matéria-prima necessária para a construção das casas e das fábricas do centro, daí a presença das olarias nessas áreas que escoavam pelo rio a grande produção de tijolos (BOMTEMPI, 1970, p. 156).

O ritmo de vida do cotidiano miguelense começou a sofrer uma rápida transformação com a influência política e econômica das vontades desse centro urbano (MARTINS, 1999, p. 11-51)¹, com isso, uma forte mudança começou a partir do início da década de 30 devido a “revolução” (DE DECCA, 2004, p. 15-28)² que mudou drasticamente o sentido da política nacional pela ditadura getulista imposta com as suas novas propostas voltadas a um maior crescimento e desenvolvimento industrial.

O espaço urbano, desta forma, começou a se desenvolver através das fábricas e de seus operários imigrantes e, também, dos filhos desses imigrantes, por isso, o centro de São Paulo foi visto como uma verdadeira “cidade estrangeira” (DECCA, 1983, p. 1-14).

A paisagem suburbana de São Miguel iria, a partir de 1935, sofrer as conseqüências dessas transformações do centro da cidade através de alguns acordos políticos, como os que aconteceram entre o empresário dono da Votorantim José Ermírio de Moraes (RAGO, 2004, p. 62-75)³, o seu representante político na Câmara, Horácio Láfer, e o presidente provisório do Estado, Getúlio Vargas.

Láfer⁴ representou o pensamento das classes conservadoras de São Paulo, por isso, com a “reformulação” da Constituição em 1934, o Deputado Federal fez presente as ambições industriais paulistanas através de seus discursos que priorizavam a articulação pela ordem prática, pelo equilíbrio do orçamento financeiro e pela consciência “ética” da administração nacional (SILVA, 1969, p. 198-199).

A geografia do local foi fundamental para a escolha e instalação de uma fábrica no subúrbio por ter o rio Tietê para a absorção da água e para o despejo dos dejetos industriais,

¹ A política nacional é a política do atraso, ou seja, o atraso e a reprodução social garantem a supremacia e a hegemonia da burguesia. A história nacional é uma história sempre por fazer, com seus personagens específicos, desde o seu “descobrimento”, assim, o atraso sócio-político-cultural aparece como um instrumento de poder no controle e na manipulação da consciência nacional à não-consciência.

² Entendamos a “revolução” como uma representação política moldada pelo discurso ideológico que se fez como um fato histórico reproduzido pela memória social e acadêmica, o que trouxe a sua legitimação silenciada e vivenciada pelo cotidiano.

³ José Ermírio estudou no Colorado School Of Mines nos Estados Unidos, o que lhe garantiu uma forte relação política e econômica com alguns empresários do país, graduando-se como engenheiro de Minas em 1921.

⁴ Láfer, além de Deputado Federal por São Paulo na década de 30, também possuía uma indústria de celulose junto à sua família no Paraná, conhecida por Klabin, Irmãos e Cia.

www.pucsp.br/revistacordis

além de ter uma área com terrenos baratos e uma ferrovia próxima (AZEVEDO, 1945, p. 57)⁵ que ligava o bairro ao centro da cidade. Assim começou a nascer o que seria a moderna região de São Miguel Paulista dentro dos planos políticos da época, aparecendo como consequência desses acordos o surgimento da Companhia Nitro Química Brasileira (FONTES, 1997, p. 23-28).

Com a Crise da Bolsa de Valores em Nova Iorque muitas fábricas faliram, como a Tubize Chatillon Corporation, que era uma das fabricantes do fio raiom Chardonnnet e produtos químicos nos Estados Unidos, mais especificamente no Estado da Virgínia. A união dos poderes do Estado e dos empresários brasileiros com os norte-americanos fez com que essa fábrica falida viesse “aos pedaços” para o bairro de São Miguel entre os anos de 1935 a 1937.

Desta forma, aos poucos, aquela “monotonia agrária”, segundo a visão capitalista, começou a sofrer diretamente essas consequências político-econômicas planejadas à construção de um outro ritmo de realidade. Assim começava a chegar a modernidade à periferia de São Paulo.

Horácio Láfer construiu um discurso que refletiu todo o seu entusiasmo e “emoção” demonstrados intimamente ao público de uma forma “sutil” e “amigável” através das palavras aos funcionários e operários da empresa nos anos 50, isso veiculado pelo boletim interno escrito pelos chefes e diretores da fábrica e que era distribuído gratuitamente, chamado Nitro Jornal.⁶

Esse jornal foi um meio direto e rápido de comunicação interna, passando a imagem da luta e da perseverança que tiveram os diretores para a construção desse “patrimônio nacional” ao benefício de toda a Nação brasileira rumo ao desenvolvimento industrial do país, acontecido na década de 30:

Para finalizar por hoje, mais uma esperança que se confirmou. Com a vinda da fábrica mais de sessenta técnicos, funcionários e operários vieram dos Estados Unidos. Diziam-nos que o trabalho era tão complicado, que no Brasil não encontraríamos gente com a competência para executar os serviços. Moraes, Sabino, Kiehl e eu tínhamos a convicção contrária.

⁵ Desde 1875, os trens da antiga “Companhia de São Paulo e Rio de Janeiro”, hoje Estrada de Ferro Central do Brasil, percorriam a chamada Linha Tronco, que passava por Itaquera e Poá, com destino a Mogi das Cruzes. Iniciada a era do automóvel, a Rodovia São Paulo – Rio também aproveitou a mesma via natural, passando por São Miguel (1920). Em época mais próxima de nós, o vale do Tietê também foi aproveitado, sendo construída a chamada Variante da “Central do Brasil” (1932), que serve São Miguel e Itaquaquecetuba.

⁶ As tiragens do Nitro Jornal foram altamente variáveis com o tempo de publicação e circulação, assim a média em 1953 foi de 1.500 exemplares, já em 1954 variou de 2.500 a 3.000, em 1955 de 2.800 à 3.200, em 1956 ficou em 3.100, e, finalmente, em 1957 em 3.100. Esses jornais foram veiculados entre janeiro de 1953 a julho de 1957. Esse veículo de discurso empresarial interno tinha como público-alvo todos os funcionários, daí a utilização de linguagens variadas, da escrita à charge.

www.pucsp.br/revistacordis

Confiávamos na competência e dedicação da nossa gente. Era só mostrar o caminho desconhecido entre nós, e em pouco tempo os nossos técnicos e operários trabalhariam tão bem quanto em qualquer País. Êste sonho também se realizou. Os que vieram voltaram e a nossa gente conduziu a indústria à vitória e mantêm hoje o seu alto padrão de produção.

Eis como, meus amigos, o Destino, ajudado pelos homens, levantou a Nitro Química e iniciou a nova fase de progresso em São Miguel.

Os sonhos se realizam quando há esforço, dedicação, espírito de sacrifício e confiança. Esta é a moral da história, que óra contei aos meus amigos de São Miguel através dêste jornal que eu sempre leio quando, afastado pelo dever de tantas funções que me tem cabido na vida, procuro “manter as saudades” do lugar que me deu alguns cabelos brancos é verdade mas tanta alegria que está para sempre no meu coração (LÁFER, 1954, p. 1).

A linguagem dos jornais tentou envolver o público trabalhador migrante e “informá-lo” (ou iludí-lo) sobre as transformações criadas pela modernização atuante na década de 50, daí a necessidade de participarem ativamente no desenvolvimento político e social presente no cotidiano fabril que vivenciavam no bairro, isso para reproduzirem o mesmo pensamento de ordem e postura harmônica ao progresso do país e da nação através da produção.⁷

A Nitro Química de 1935 até 1939 funcionou produzindo o fio sintético raiom e o ácido sulfúrico, além de outros produtos químicos. Essa mão-de-obra foi realizada principalmente pelos americanos que vieram junto com os pedaços da fábrica, daí o motivo do nome de um dos bairros próximo à Nitro Química ter o nome “Vila Americana”, local onde moravam esses imigrantes.

Cerca de cinqüenta americanos vieram para descarregar, montar e construir a estrutura das máquinas para a rápida produção química exigida pela economia estatal do período Vargas, junto a alguns empresários, como Ermírio de Moraes.

Aos poucos, São Miguel Paulista estava mudando de feição, ou seja, da agricultura de subsistência à produção fabril química “do dia para a noite”. O problema dessa mudança rápida não estava no material, mas sim em quem iria conduzí-lo produtivamente após a saída dos americanos que vieram simplesmente pela necessidade, devido ao forte desemprego nos EUA pós-1929.

Aprendendo na prática: o desespero da diretoria fabril pela mão-de-obra

Com o início da Segunda Guerra Mundial, os norte-americanos voltaram aos EUA, deixando um grande prejuízo. A necessidade de mão-de-obra obrigou a construção de várias

⁷ A linguagem contribui com a construção de visões alienadas de mundo que nascem e apóiam-se nas inversões objetivas do mundo social. O consenso ideológico e a naturalização da exploração surgem e se alicerçam na vigência e solidez objetivas das relações sociais de expropriação. A força das interpretações apologéticas produzidas pelos intelectuais orgânicos do capital nasce da consciência objetiva e histórica das relações sociais de dominação (CARBONI, 2003, p. 10).

www.pucsp.br/revistacordis

estratégias discursivas para atrair os novos trabalhadores ao caminho do “sonho” de “crescimento” e de “progresso” (GARCIA, 1990, p. 7) conseguidos “facilmente” na cidade grande de São Paulo.⁸

Daí a utilização da propaganda e dos meios de comunicação de massa da época, como, por exemplo, o rádio, pois a mensagem ocultaria discursivamente (CHAUÍ, 2006, p. 7) alguns elementos desfavoráveis da realidade citadina que iriam encontrar, proporcionando assim uma imagem de conquista fácil, de moradia, de riqueza e de trabalho. São Paulo seria o caminho da felicidade.

Segundo Nelson Jahr Garcia (1990, p. 82), a propaganda adquire um papel de instrumento de conscientização, permitindo a cada um dos envolvidos compreender melhor o contexto que cerca e orientar sua ação em sentido adequado ao seu próprio desenvolvimento. Além disso, a propaganda se transforma em instrumento de união da classe social em torno de metas comuns, permitindo que ela se torne mais organizada e que suas ações sejam mais coerentes. Impede-se que os indivíduos e grupos caminhem em sentidos diversos, o que acabaria por obrigá-los a retornar ao ponto de partida e recomeçar o trabalho.

Essa motivação subjetiva à migração se fez por esse ocultamento do real (ideologia), criada pelo poder dominante fabril com o estatal, para criar uma sensação de realidade contrária ao que os novos trabalhadores migrantes de outros Estados⁹ iriam encontrar e vivenciar, mas o discurso criou imagens, formas e sensações com o objetivo de “seduzir” o receptor através dessas informações (TOTA, 1990, p. 78-131) e anular a visibilidade da ordem hegemônica estabelecida pela linguagem utilizada.

Para István Mészáros (2004, p. 59), a ideologia dominante tem uma grande vantagem na determinação do que pode ser considerado um critério legítimo de avaliação do conflito, já que controla efetivamente as instituições culturais e políticas da sociedade. Pode usar e abusar abertamente a linguagem, pois o risco de ser publicamente desmascarada é pequeno, tanto por causa da relação de forças existentes quanto ao sistema de dois pesos e duas medidas aplicado às questões debatidas pelos defensores da ordem estabelecida.

⁸ O próprio Getúlio Vargas, em visita à São Miguel Paulista, discursou em 27 de abril de 1940 na inauguração da fábrica, sendo propagado para todo o país, principalmente através das rádios. O interessante é que a fábrica já estava funcionando desde 1937, o que demonstrou bem o planejamento discursivo em motivar a migração para a cidade.

⁹ Esses migrantes que compuseram a mão-de-obra fabril e a sociedade local de São Miguel vieram de vários Estados do Brasil, mas devido a enorme quantidade, destacamos Minas Gerais, mas, principalmente, os nordestinos. São Miguel Paulista ficou conhecido como uma região tipicamente nordestina, a ponto de darem um outro nome ao bairro: “Bahia Nova”.

www.pucsp.br/revistacordis

As relações de poder estabelecidas na fábrica durante e depois do Governo Vargas possuíam uma metodologia própria de domínio e organização ao partir mais da persuasão do que mesmo pela repressão.

Com isso a máquina da propaganda fez-se como receptor ao incorporar essas novas expectativas populares, criando um corpo social voltado ao trabalho industrial e à obediência, guiados pela educação moral e cívica que tentava prevenir qualquer tipo de manifestação contrária a ordem estabelecida (LENHARO, 1986, p. 43).

O Estado Novo (1937-45) conseguiu criar mitos e linguagens específicos com a finalidade de corporificar a sociedade a um único ritmo nacionalista e ao desenvolvimento produtivo pelas indústrias. O Estado assumiu a única voz que representava o povo brasileiro como um todo, criando assim uma identidade (HALL, 2003, p. 34-35) ilusória (ou de falsa consciência) de uma organização própria à plena ordem social junto ao trabalho.

Os poderes estatal e fabril, dessa forma, se complementavam como se fossem uma verdadeira teia de relações que visava a manutenção da sua sobrevivência como poder, por isso a necessidade extrema da condução dos trabalhadores ao campo da subjetividade para a construção de sua fragilidade, evitando assim a luta de classes.

Getúlio Vargas, com o Estado Novo, conseguiu construir uma ideologia estatal altamente eficiente voltada a esse controle social pela sua autoridade como Estado. A pátria foi conduzida como uma família e a sociedade como um único corpo ativo e guiado pelas propostas legislativas, políticas e teológicas ligadas ao mesmo fim pela reprodução social.

Com a queda de Vargas aconteceu a “Redemocratização liberal” no governo Dutra (IANNI, 1977, p. 81-82), o que proporcionou uma maior abertura ao capitalismo industrial internacional, conseqüentemente, um maior agravamento migratório iria interferir no processo de produção nitrina devido ao inchaço populacional ocorrido fortemente depois, mais especificamente, na década de 1950 em São Miguel.

A Nitro Química apelou pela propaganda ideológica e pelo assistencialismo para tentar conter as fortes greves contrárias a ordem estabelecida pelo seu poder local, manifestações essas que foram sentidas também pelo cotidiano em outras fábricas em diversos outros lugares da cidade que possuíam uma relação de luta ideológica sindical e comunista.

O Sindicato dos Químicos e a Companhia Nitro Química possuíam uma grande relação no complemento do controle do operariado, principalmente no sentido de evitar as greves que eram tão temidas pelos empresários. Entretanto, em 1953 fortes greves (como a dos 300.000 mil) abalaram algumas indústrias no centro da capital (WEFFORT, 1972, p. 10),

www.pucsp.br/revistacordis

mas em São Miguel Paulista acordos foram negociados com os funcionários para que evitassem tal constrangimento à sua “imagem”. Com isso, os funcionários foram mostrados, via propaganda, como sendo integrantes de uma empresa-modelo em educação e disciplina, uma verdadeira “família nitrina”. Segundo o redator do Nitro Jornal Ragaine:

Foi para nós motivo do mais intenso júbilo constatar que, enquanto no centro da cidade, milhares de operários estavam em greve, com enormes prejuízos pessoais dos grevistas, com perda dos empregadores, e com atraso ao progresso de S. Paulo; enquanto se tornava indispensável a intervenção da Polícia para evitar atentados à propriedade particular; enquanto choques ocorriam; violências e arbitrariedades se sucediam de ambos os lados, esta pleidade de empregados da Cia. Nitro Química Brasileira dava, de público, uma lição de ordem, de disciplina, de ponderação, demonstrando alta confiança na Nitro, certos de que a Diretoria desta última, como sempre o fez, compareceria, no devido tempo, com o prêmio justo e merecido a todos os obreiros do progresso da CNQB.

Ao invés de usarem de meios violentos, não indicados na Legislação do Trabalho (como o fizeram os de São Paulo), os operários de São Miguel, através de seu Sindicato de classe, entravam em entendimentos com a CNQB, para elevação do padrão de vencimentos (RAGINE, 1953, p. 1).

A hierarquia institucional da fábrica se tornou oculta em suas relações de trabalho ao se “naturalizar” com uma outra aparência no cotidiano. Na Nitro Química, a afeição ao trabalho criou laços de “amizades” a ponto de se sentirem uma verdadeira “Família Nitrina” (FONTES, 1997, p. 47-78), anulando, segundo o planejamento dos diretores, qualquer imagem de perigo ou insatisfação.

A convivência cotidiana trouxe os efeitos e os reflexos conquistados pela propaganda ideológica, criada pelos patrões e pelo Estado, ao controle social do trabalho pela exploração assalariada e cultural.

Foi através desse relacionamento direto que o funcionário expressou a “aceitação” dessa realidade, devido a necessidade do emprego e da moradia, ou seja, o contato direto entre o patrão e o funcionário fez “quebrar” subjetivamente a hierarquia pela aparência.

Um exemplo disso foi a relação entre muitos empregados e José Ermírio de Moraes, que se identificavam justamente porque Moraes era pernambucano de nascimento e se tornara símbolo do progresso individual. Bastava ter força de vontade para trabalhar e vencer, tal como o patrão já tinha feito anos antes.

A ideologia corporativa da fábrica criava a sensação de “Paz Social e de Harmonia” interna, tentando cotidianamente inviabilizar a tentativa da luta de classes que estava acontecendo em alguns lugares no período.

A linguagem interna visava a construção de uma linha de cooperação no trabalho para um maior desenvolvimento produtivo fabril ao “progresso nacional” e, também, ao

www.pucsp.br/revistacordis

crescimento pessoal e subjetivo do operário como um “agente ativo” desse desenvolvimento. Essa propaganda ideológica fez do patrão um simples amigo do trabalhador por mostrá-lo como um trabalhador.

Desta maneira, o progresso institucional foi construído em conjunto e pela “amizade”, como bem colocou um morador do bairro, Cícero Antônio. Ao relatar a sua história, acabou mostrando o seu orgulho em poder ter participado desse crescimento:

Ajudei no progresso, eu junto com [...] aqui tem o nome da turma que me ajudou a fazer São Miguel [...] A Nitro Química, família Moraes e uma [...] um membro da revolução de São Miguel. Família Moraes foi a grandeza de São Miguel quase total, e com essa indústria aí, essa indústria aí era do presidente Vargas, também era Vargas era acionista dessa indústria aí. E veio a Família Moraes pra essa, essa indústria, aí pegou o nordestino. Vim pra cá e morar em São Miguel e construí casa e a grandeza de São Miguel. Construindo casas, mas pra valer e foi muitos mil operários moderados aí nessa Nitro Química, por isso a grandeza de São Miguel foi total quase todo, quase todo total, foi a família (PEREIRA, Cícero Antônio).¹⁰

A ideologia proporcionou ao trabalhador a sensação de estar trabalhando não simplesmente para a sua sobrevivência. A sensação de pertencimento e de grandeza o fez reproduzir o discurso ideológico, interno da fábrica, de forma imperceptível na maioria dos casos. Muitos conseguiram resistir a esse impacto aculturalista dos seus hábitos e costumes regionais.

Podemos perceber que em muitos casos, como traz em evidência um outro morador do local, Francisco José Bizaco, a visão e a percepção do “progresso foi sentido” pelo crescimento urbanístico e comercial do bairro:

Ah, melhorou o bairro, teve mais progresso né? [...] O progresso veio e melhorou [...] o desenvolvimento de São Miguel melhorou muito né. Porque a população aumentou. E muito comércio, abriu muito comércio (BIZACO, Francisco José).

A fonte oral possui um poder que vai além de um simples relato dos acontecimentos históricos do passado, pois ela pode ser encarada como um evento em si mesmo, submetido a uma análise independente que permita recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido como também a atitude do narrador em relação aos eventos, a sua subjetividade, a sua imaginação e o seu desejo, que cada indivíduo investe em sua relação com a história (PORTELLI, 1993, p. 41).

O “progresso” industrial moderno foi vivenciado cotidianamente pelos moradores do local e, principalmente, pelos operários da fábrica, mas a maioria dessa mão-de-obra

¹⁰ Todas as entrevistas foram retiradas do Laboratório de Documentação da Universidade Cruzeiro do Sul (LabDoc – Unicsul), localizado no bairro de São Miguel Paulista, São Paulo-SP. Av. Dr. Ussiel Cirilo, n. 225.

www.pucsp.br/revistacordis

representava uma grande parte desses moradores que sobreviviam fora dos muros e buscavam melhorias no bairro e melhores condições de vida, mas não em soluções precisas e objetivas ao crescimento do trabalhador à sua autonomia enquanto classe social, o que garantiu a hegemonia burguesa fabril através da simples ajuda assistencialista e da simpatia no ambiente de trabalho durante quase toda a década de 50.

De Vargas a JK: rumo ao desenvolvimentismo

Com a volta de Vargas ao poder, o presidente foi forçado pela realidade político-econômica imposta a “obedecer” certas normas construídas no governo Dutra por posições liberais que estavam além dos seus interesses e ideais.

A influência norte-americana foi muito forte no Brasil, tanto na questão militar (SKIDMORE, 1982, p. 64-71) quanto diante do imperialismo cultural que dominava o modo de vida da nação, principalmente após o fim da Segunda Guerra (TOTA, 2000, p. 9-92).

A linguagem utilizada por alguns personagens da imprensa esteve muito próxima a da UDN (União Democrática Nacional), voz anti-getulista veiculada no período, e de alguns empresários como os da Nitro Química. Como um exemplo desse fato, podemos colocar o jornal O Estado de São Paulo (1954, p. 3), que nas décadas de governo do presidente Getúlio Vargas criticou-o ferozmente sobre a situação econômica e social do país:

O café é que dá ao Brasil a quase totalidade das cambiais que garante a existência da nossa importação. O café, portanto, é ainda o maior sustentáculo da nossa economia. Paradoxalmente, porém, a lavoura cafeeira é a que mais sofre com a política financeira do País e o produtor de café vive em constante sobressalto, sempre intranquilo, porque a sua situação econômica depende de uma série de fatores e de circunstâncias que sofrem as consequências nocivas de uma orientação governamental insegura, que gira ao saber de contingências ocasionais.

Vargas tinha uma estreita ligação com os norte-americanos, esperando financiamentos para o desenvolvimento industrial nacional. Essa relação se fez aproximar pela Comissão Mista Brasil-EUA (ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 249-250), que servia para facilitar os investimentos privados externos, desde que associados aos capitais nacionais e à adoção de uma política cambial flexível no seu primeiro ano de Governo, após a “reeleição”.

Horácio Láfer, agora como Ministro da Fazenda de Getúlio, se aproveitou dessa relação e foi um dos idealizadores do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), objetivando o desenvolvimento industrial do país através do seu plano, que ficou conhecido por Plano Láfer.

www.pucsp.br/revistacordis

Com o crescimento industrial do país, a Nitro, entre os anos de 1953 a 1956, dependia de uma produção cada maior, por isso a facilidade para trabalhar internamente foi tão grande que em muitos casos os trabalhadores não precisavam nem de documentos para entrar, o que dificultaria para o trabalhador receber algum benefício em caso de acidentes, o que era algo corriqueiro lá dentro dos muros da empresa. Essa facilidade foi demonstrada pelo ex-funcionário Sebastião Adriano:

Já ia direto. Não precisava de documento, não precisava nada. Já entrava lá, e entrava direto. Também morria direto! [...] Não dava nem notícia quando morria lá. Porque entrava sem documento, sem nada, e já ia trabalhar.

Uma vez contratados, comentou Paulo Fontes (2002, p. 100-101), cabia aos trabalhadores recém-admitidos a nem um pouco simples tarefa de aprender o trabalho. Para a direção da empresa isso significava, na maior parte das vezes, transformar ex-trabalhadores rurais em operários fabris. Durante os anos 50, apenas 20% de seus funcionários tinham alguma experiência anterior de trabalho no setor industrial.

Após o suicídio de Getúlio Vargas e a entrada de Café Filho no poder da presidência da República, a fábrica Nitro Química continuou com a sua “política” (MAAR, 2006, p. 80-107) e a sua linguagem institucionalizada para manter a ordem e ocultar determinados acontecimentos da realidade externa a do bairro.

Estavam acontecendo, principalmente no centro de São Paulo, por exemplo, as greves e as fortes manifestações sociais contrárias a essa ordem burguesa-industrial que permaneciam constantes. Mas, aos poucos, alguns militantes começaram a se aproximar desses trabalhadores nitrinos.

O discurso de Vargas se apropriou da imagem da “sociedade como nação”, isso para impor novamente suas regras e seus valores morais à consolidação de uma disciplina corporativa, gerando conflitos ideológicos e partidários, até mesmo com os ideais dos empresários fabris, por isso Horário Láfer foi retirado do cargo de Ministro da Fazenda.

Esse discurso burguês, segundo Marilena Chauí (2007, p. 22),

[...] é legislador, ético e pedagógico. Tratava-se de um discurso proferido do alto e que, graças a transcendência conferida às idéias, nomeava o real, possuía critérios para distinguir o necessário e o contingente, a natureza e a cultura, a civilização e a barbárie, o normal e o patológico, o lícito e o proibido, o bem e o mal, o verdadeiro e o falso: punha ordem no mundo e ensinava. Fazia das instituições como Pátria, Família, Empresa, Escola, Estado (sempre escrito com maiúsculas), valores e reinos fundados de fato e de direito. Por essa via, o discurso nomeava os detentores legítimos da autoridade: o pai, o professor, o patrão, o governante, e, conseqüentemente, deixava explícita a figura dos subordinados e a legitimidade da subordinação. Emitia conhecimentos sobre história em termos de progresso e continuidade, oferecendo, com isto, um conjunto de referenciais seguros

www.pucsp.br/revistacordis

fixados no passado e cuja obra era continuada pelo presente e acabada pelo futuro. Era o discurso da tradição e dos moços, isto é, o discurso que se endereçava a ouvintes diferenciados por geração e unificados pela unidade da tarefa herdada.

Mas o medo de ser atingido por manifestações operárias e ideologias contrárias à pregada foi sentida diretamente pelos dirigentes da fábrica e pelo comércio do bairro de São Miguel Paulista, como demonstrou um dos representantes da instituição e líder do Círculo Operário São Miguel (ZAMPIERI; IMAMURA, 2000, p. 32-71), Armando Righetti (1956, p. 2):

Conclamamos todos os homens de bem, apelamos a tôda autoridade constituída, para que convoque educadores, psicólogos, estudiosos de moral de sociologia, sacerdotes, políticos honestos, praticistas, médicos, a fim de, em mesa redonda encontrarem, porque não encontrar, e principalmente porque precisamos encontrar urgentemente, o meio adequado e capaz de salvar a juventude de preservar-lhe os sentimentos altruísta e bons.

A convulsão social criada pelas greves e pelas manifestações ideológicas contrárias a ordem liberal estabelecida no governo Café Filho fez criar uma apreensão nos empresários nitrinos, como em qualquer outra indústria paulistana, principalmente após o suicídio do presidente Vargas e de toda a comoção social demonstrada nas ruas de São Miguel Paulista.

O apelo à educação para criar uma melhor identificação com os operários que também eram moradores do bairro¹¹ foi forte, tanto dentro das escolas como dentro da Igreja, tendo assim o apoio do Padre Aleixo Monteiro Mafra, que também era um dos representantes do Círculo Operário e objetivava preservar os sentimentos e os valores pregados pelo espírito nacional e progressista.

A população, após tantos abalos, começou a questionar a situação em que vivia. Aos poucos perceberam a exploração que estava ao seu redor, por isso, o padre foi um instrumento necessário para acalmar os ânimos à continuidade do velho cotidiano de trabalho e harmonia.

Com isso, demonstrou o diretor chefe da redação do Nitro Jornal, Pedro Cândido da Silva (1955, p. 2), ao relatar os acontecimentos de uma Missa Campal aos moradores do bairro:

As palavras do Reverendo, notava-se respeitoso silêncio por parte da multidão ali presente, contida, como a querer demonstrar a sua profunda concentração espiritual, elevando-se a Deus as suas preces para que reine sempre nesta terra os anseios de Paz e fraternidade humana.
Prossegue ressaltando a data comemorativa, dizendo-se satisfeito e comovido por poder vêr reunido aquele povo bom e religioso que deixou

¹¹ A grande mão-de-obra morava fora dos muros da fábrica em casas alugadas ou de amigos. As moradias fabris comportavam apenas os chefes de setores e trabalhadores renomados. Justamente essa maioria que compunha o chão de trabalho na Nitro Química era o grande alvo da política assistencialista e patriarcal.

www.pucsp.br/revistacordis

seus lares para, acima de tudo, vir devotar a Deus a sua crença e esperança no progresso cada vez maior da Terra de Piratininga. Acrescentando ainda que S. Paulo Quatrocentão, é qualquer coisa de que todos nós devemos nos orgulhar.

O padre também conduzia as missas, as procissões e as festas religiosas como uma verdadeira “tradição miguelense”, além de estruturá-las e coordená-las a partir de um calendário de festividades ditado pela Igreja perante o cotidiano cronológico da população local. A participação da comunidade foi essencial para a construção de uma vida harmônica e solidária com a visão religiosa católica e ética aos valores a serem seguidos de geração para geração por muitos no bairro (FONTES, 2002, p. 157).

Um dos grandes empecilhos que dificultou essa harmonia entre o trabalho, a fé e a assistência estava na “ociosidade” do operário, o que foi um dos grandes protestos realizados pelos redatores do Nitro Jornal devido a falta de ritmo dos trabalhadores às máquinas e às suas produções.

O conflito cultural começou a aparecer através do trabalho cotidiano forçado com a negação do empregado de se submeter a um local sujo e perigoso que era a Nitro Química. A partir da metade do ano de 1956, a ideologia nitrina começava a ser mais fortemente contestada em uma luta de valores e necessidades cotidianas.

Com o Governo de Juscelino Kubitschek houve uma nova representação pela forte política desenvolvimentista, tendo como princípios básicos o transporte e a energia. Para isso, JK adotou o seu Plano Nacional de Desenvolvimento, unindo o capital estrangeiro com os investimentos privados no país.

Abriam novas perspectivas ao mercado nacional, principalmente com a proposta nacional-desenvolvimentista industrial, como a automobilística. O Brasil, aos poucos, passou de uma economia basicamente agrário-exportadora, assegurada pelo café, para uma diversidade industrial em todo o país. Desta forma abriu-se um grande espaço para as grandes empresas estrangeiras.

O Estado apareceu como o articulador dessa economia interna e externa. A especificidade política do Estado brasileiro, no que se refere aos seus liames com os setores produtivos, está em que os empresários de tais setores mantêm uma forte dependência das ações do Estado. Não constituindo formas sólidas de articulação ao nível da sociedade civil pelas quais pudessem veicular suas demandas, os setores empresariais têm necessidade de um acesso mais direto ao Estado, do qual dependem e dentro do qual são incapazes de estabelecer uma hegemonia efetiva de classe ou fração de classe (MARANHÃO, 2003, p. 261).

www.pucsp.br/revistacordis

A Nitro foi uma das maiores fábricas brasileiras de seu tempo e possuía um intrincado processo de produção, com mais de 60 departamentos e uma extensa linha de produtos.

Entretanto, tinha a necessidade de um grande número de operários qualificados para funcionar melhor e mais rápido, além de fazer diminuir os custos internos. Por esse motivo, ainda na década de 50, o taylorismo (PINTO, 2007) foi o método mais utilizado na produção industrial brasileira devido a sua administração científica, mas nessa mesma década outras indústrias já estavam começando a ir além em estudos tecnológicos, como o toyotismo, no Japão.

Diversos setores da companhia, de fato, prescindiam de trabalho qualificado. No dia-a-dia, para garantir a produção, foram necessários alguns engenheiros e trabalhadores especializados em conjunto em um número maior daqueles que haviam “aprendido na prática” e mais um grande contingente de operários e operárias com pouca instrução (FONTES, 2004, p. 376).

Contudo, a aceleração industrial do período de governo de JK e o forte desenvolvimento tecnológico agravaram o cotidiano fabril, tanto para os simples operários como também para os chefes de setores que foram obrigados a estudar, no sentido de modernizarem seus conhecimentos.

Realidades em conflito

A propaganda ideológica construída com a intenção de controlar subjetivamente (PASSERINI, 2006, p. 19) o operário e as manifestações externas no bairro começaram a se tornar algo impossível de se sustentar, isso diante da dimensão de atrocidades vivenciadas cotidianamente, como o grande número de desempregados, empregados doentes e com baixos salários e, principalmente, as explosões nos setores químicos.

A cultura modernista e desenvolvimentista cresceu rapidamente objetivando um verdadeiro imperialismo de conquista e manipulação da sociedade, mas acabou sofrendo as conseqüências da própria ambição. As máquinas se desenvolveram mais rapidamente do que os trabalhadores, com isso a produção começou a cair justamente por não ter uma equipe “educada” para realizar este serviço.

Já mesmo em 1954 foi visível o “conflito cultural” pelo modo de vida do operário através de suas opções próprias de lazer, de se comportar, de suas necessidades diárias, ou seja, essa ideologia hegemônica dos costumes e dos valores padronizados pela estratégia de domínio institucional foi empregada nas condutas de muitos funcionários, contudo, uma outra

www.pucsp.br/revistacordis

parte resistiu ao seu seguimento, o que causou uma intensa preocupação com as autoridades da fábrica com a condução da produção:

Não se entregará ao uso de bebidas alcoólicas e excitantes, cujo prazer é pago à custa da depressão de suas forças e resistência orgânica e de sua tranqüilidade mental. Providenciará o asseio esmerado e quotidiano de seu corpo e de suas vestes. Manterá atitude mental e moral que lhe dê dignidade, calma e raciocínio pronto para a realização do trabalho (NITRO JORNAL, 1954, p. 5).

Mas com o tempo essas conseqüências da realidade começaram a mostrar outras linguagens e comportamentos dentro desse cotidiano fabril antes moldado politicamente. Desta maneira, muitos moradores e operários começaram a se revoltar com a falta de estrutura, baixos salários, muitas mortes e acidentes que aconteciam.

Uma “nova mentalidade” vinda por outras ideologias trazidas por ativistas militantes fez com que se tornassem mais “críticos”, desenvolvendo uma percepção nova ao avaliar a realidade em que sobreviviam e terem força para reivindicar os seus direitos. A fala do ex-funcionário Aloízio Vieira dos Santos demonstrou parcialmente essa situação:

É cinqüenta, tava iniciando o período industrial [...] que depois entrou o Juscelino, é que incrementou muito a indústria, mas não tinha [...] era muito pobre a indústria, mais artesanal, aqui em São Paulo, era a Matarazzo, a Nitro Química já era bem evoluída quando nós chegamos aqui, a Nitro Química e a média de sete mil funcionários. São Miguel cresceu em torno da Nitro Química, é produto da fábrica.

Os excluídos da história (PERROT, 2006, p. 17-164), aos poucos, se opuseram a voz fabril, principalmente no ano de 1957 com a Greve dos 400 mil que invadiu o município de São Paulo, passando por São Miguel Paulista e quebrando boa parte da estrutura ideológica construída pelos dirigentes da fábrica.

O Nitro Jornal, antes instrumento de comunicação direta entre os empregados e os empregadores, demonstrou bem esse clima de luta ideológica sindical-comunista pela sua morte gradativa. Esse foi o ano da falência dessa voz, pois os diretores não conseguiram mais cumprir os objetivos de manipulação subjetiva.

Isso desencadeou uma verdadeira luta entre as classes, contra a hegemonia empresarial dominante. A fábrica Nitro Química Brasileira quase foi à falência no início dos anos 60, por conseqüência ainda desse choque que persistiu durante alguns anos.

As teses da inadaptação ao trabalho industrial das primeiras gerações de migrantes rurais para São Paulo sustentaram a não-identificação desses trabalhadores com a condição operária. Porém, se de um lado a situação do operário podia, por vezes, não ser totalmente desejada, devido às freqüentes e terríveis condições de trabalho, ao autoritarismo das chefias e

www.pucsp.br/revistacordis

ao extenuante ritmo de produção, por outro, as próprias possibilidades e oportunidades do mercado de trabalho impunham outras opções de emprego.

O fato é que a experiência dos migrantes na grande cidade, seus valores culturais e suas redes de relações sociais certamente reforçaram sua identidade como trabalhadores. E foi como trabalhadores que os nordestinos em São Miguel Paulista compartilharam de uma linguagem de classe que reforçava seu papel como dignos produtores de riquezas, construtores de desenvolvimento para a cidade e para o país e, portanto, também como cidadãos portadores de direitos (FONTES, 2004, p. 395).

Com isso, conseguimos observar que o poder da experiência social de classe se encontra na transformação da realidade em que vive (THOMPSON, 2004, p. 9-14) diariamente, mostrando que a consciência em sociedade tem o poder de criar e transformar a sua própria história (PORTELLI, 1997, p. 15), e que está acima de qualquer tipo de domínio.

Referências

- ALMEIDA JÚNIOR, Antonio Mendes. Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Getúlio Vargas. In: FAUSTO, Boris (Dir.) *O Brasil Republicano. 3. Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- AZEVEDO, Aroldo de. *Subúrbios Orientais de São Paulo*. Tese de concurso à cadeira de Geografia do Brasil (XXV^a) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1945.
- BOMTEMPI, Sylvio. *O Bairro de São Miguel Paulista*. São Paulo: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1970.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARBONI, Florence; MAESTRI, Mario. *A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- _____. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DE DECCA, Edgar de. *1930: o silêncio dos vencidos. Memória, história e revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo – 1927-1934*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Dissertação de Mestrado, 1983.

www.pucsp.br/revistacordis

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Campinas: Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

_____. *Migração Nordestina e Experiências Operárias. São Miguel Paulista nos anos 50*. In: *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Unicamp, 2004.

_____. *Trabalhadores e cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: Annablume, 1997.

GARCIA, Nelson Jahr. *O que é propaganda ideológica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HALL, Stuart. O problema da ideologia: o marxismo sem garantias. In: _____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

IANNI, Octávio. *Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986.

MAAR, Wolfgang Leo. *O que é política?* São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARANHÃO, Ricardo. O Estado e a política “Populista” no Brasil (1954-1964). In: FAUSTO, Boris (Dir.). *O Brasil Republicano. 3. Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MARTINS, José de Souza. *O poder do atraso. Ensaios de sociologia da história lenta*. São Paulo: Hucitec, 1999.

MÉSZÁROS, István. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

PASSERINI, Luisa. *Memória y utopia. La primacía de la intersubjetividade*. València: Universitat de València, 2006.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PINTO, Geraldo Augusto. *A organização do trabalho no século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

PORTELLI, Alessandro. *Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n. 10, 1993.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. São Paulo. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n. 15, abr. 1997.

RAGO, Maria Aparecida de Paula. *A práxis política de José Ermírio de Moraes: nacionalismo sem nacionalistas*. Campinas: Unicamp. Tese de doutorado, 2004.

www.pucsp.br/revistacordis

SILVA, Hélio. *1934 – a Constituinte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TOTA, Antonio Pedro. *A locomotiva no ar: rádio e modernidade em São Paulo 1924-1934*. São Paulo: Secretaria de Estado e Cultura, 1990.

_____. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WEFFORT, Francisco C. *Participação e conflito industrial: Contagem e Osasco*. São Paulo: CEBRAP, 1972.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. v. I. A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

ZAMPIERI, Wilson João; IMAMURA, Avelar Cezar. *Padre Aleixo Monteiro Mafra. O pastor de almas de São Miguel Paulista*. São Paulo: Universidade Cruzeiro do Sul, 2000.

Fontes

BIZACO, Francisco José. Depoimento concedido ao LabDoc – Unicsul.

LÁFER, Horácio. Sonhos que se realizam. In: *Nitro Jornal*. São Paulo, n. 16, p. 1, abr. 1954.

MESQUITA, Sebastião Adriano. Depoimento concedido ao LabDoc – Unicsul.

Nitro Jornal. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano I. São Paulo, n. 5, maio 1953.

Nitro Jornal. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, n. 16, abr. 1954.

Nitro Jornal. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano II. São Paulo, n. 19, p. 5, jul. 1954.

Nitro Jornal. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano III. São Paulo, n. 26, fev. 1955.

Nitro Jornal. Companhia Nitro Química Brasileira. Distribuição Interna. Ano IV. São Paulo, n. 42, jul./ago. 1956.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 26 de janeiro de 1954.

PEREIRA, Cícero Antônio Pereira. Depoimento concedido ao LabDoc – Unicsul.

RAGINE, Álvaro. Evolução da Paz Social no Brasil. In: *Nitro Jornal*. São Paulo, n. 5, p. 1, maio 1953.

RIGHETTI, Armando C. Educação moral e Cívica. In: *Nitro Jornal*, São Paulo, n. 42, p. 2, jul./ago. 1956.

SANTOS, Aloízio Vieira dos. Depoimento concedido ao LabDoc – Unicsul.

www.pucsp.br/revistacordis

SILVA, Pedro Cândido da. Cidade de São Paulo, símbolo de progresso e devotamento cristão.

In: *Nitro Jornal*, São Paulo, n. 26, p. 2, fev. 1955.

* Ricardo Correia Marcondes é mestrando em História pela PUC-SP e orientando da Profa. Dra. Yvone Dias Avelino. E-mails: <marcondescorreia@hotmail.com>.